



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

CAPITAL SOCIAL NO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA: ESTUDO DE CASO DA AUGM

*Larissa Cristina Dal Piva Moreira - UP
Aliandra Barlete - Universidade de Oslo*

RESUMO

No atual contexto de sociedade em rede, as universidades desenvolvem diferentes tipos de atividades de cooperação que se traduzem em convênios interinstitucionais e na formação de redes organizacionais. Essas redes tem início em função das relações pessoais estabelecidas entre os membros das comunidades acadêmicas e científicas, que constituem o capital social da organização. Embasado neste contexto, o presente trabalho presente traz à tona o conceito de capital social para compreender como este contribui ao longo do tempo no processo de internacionalização universitária por meio da constituição de uma rede internacional de universidades. O objeto escolhido para estudo de caso com metodologia qualitativa foi a Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM). A importância deste estudo justifica-se pelo fato de observar o desempenho organizacional sob a perspectiva sociológica do capital social, não sendo somente uma análise econômica da organização. Após análise dos dados, percebeu-se que, em razão de um conjunto de ativos intangíveis desenvolvido com base nas relações interpessoais mantidas na rede organizacional, a AUGM foi institucionalizada tanto nas universidades membros da rede como no ambiente internacional.

Palavras-chave: capital social, internacionalização universitária, Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM).



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

1. Introdução

Na sociedade do conhecimento, as distâncias geográficas são transpostas com a evolução das tecnologias de informação e das comunicações (BERNHEIM, 2006). As relações entre os países e organizações modificaram-se e, em decorrência, também o papel das instituições de ensino superior dentro das suas próprias nações e entre elas. As universidades não só enfrentam o desafio de internacionalizar-se como também de participar de redes internacionais de cooperação entre instituições de ensino superior (DIDRIKSSON, 2006).

Conforme afirma Sebastián (2004), a cooperação acadêmica internacional é definida como um conjunto de atividades realizadas entre instituições universitárias que, através de múltiplas modalidades, implica em uma associação e colaboração em temas de política e gestão institucional. As universidades desenvolvem diferentes tipos de atividades de cooperação inter-universitárias que se traduzem em iniciativas multilaterais, de acordos intergovernamentais bilaterais, convênios interinstitucionais, até a formação de redes organizacionais e, então, podem chegar a uma organização em rede. Tais atividades são impulsionadas fundamentalmente pelas relações pessoais entre os membros das comunidades acadêmicas e científicas, que caracteriza o capital social dessas organizações.

Neste contexto de redes, deve-se levar em consideração a necessidade de estudo do capital social envolvido na sua formação, na medida em que este é o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento mútuo e reconhecimento” (BOURDIEU, 1986, p.51). Além disso, o capital social exerce influência tanto sobre as razões para sua formação quanto sobre a evolução da rede em função das formas de interação e configuração organizacional.

Embasado nestes pressupostos, o presente trabalho analisa a relação do conceito de capital social com a formação de uma organização em rede, enfocada no contexto de internacionalização universitária, conforme Granovetter (1992), Nahapiet e Ghoshal (1998) e Lin (2001). O capital social em suas distintas dimensões, colabora para interação nas redes porque facilita o fluxo de informação, exercendo influência nos agentes, além de apresentar credenciais sociais e reforçar a identidade e o reconhecimento dos atores da rede, uma vez que está relacionado com “características da organização social como confiança, normas e sistemas que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (Putnam, 2000, p. 177).

Seguindo este raciocínio, o objeto escolhido para estudo de caso com metodologia qualitativa foi a Associação de Universidades do Grupo Montevidéu (AUGM), que é uma rede formada por reitores de instituições do Mercosul, seguindo o espírito de integração regional anunciado pelo Tratado de Assunção de 1991. Hoje a rede possui 29 universidades-membro da Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai, Bolívia. A importância deste estudo justifica-se pelo fato de observar o desempenho organizacional sob a perspectiva sociológica do capital social, não sendo somente uma análise econômica da organização

2. Capital social e organizações em rede



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

A primeira utilização conhecida do conceito de capital social foi feita por Lyda Hanifan, em 1916, para explicar a importância do envolvimento da comunidade para o sucesso escolar, caracterizando capital social como elementos intangíveis da vida cotidiana: boa vontade, amizade, solidariedade, interação social entre os indivíduos e as famílias que compõem uma unidade social. A partir dos anos de 1980, Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam retomam o termo e amplificam seu significado, comportando diferenças.

Bourdieu (1986) define capital social como um conjunto de recursos em uma rede, e é possível distinguir os elementos constitutivos deste capital: as relações sociais que permitem ao indivíduo obter recursos da rede, e a qualidade e quantidade desses recursos. Coleman (1988) complementa que o capital social é intangível, só existe na relação entre os atores sociais, ao contrário do capital econômico e do intelectual, que podem ser propriedades do indivíduo. Assim, este tipo de capital não é um atributo dos indivíduos, mas um aspecto dependente do contexto e da estrutura social, ou seja, inerente à estrutura das relações entre dois ou vários atores. O capital social não está nem nos próprios atores, nem nos instrumentos físicos de produção, o que faz com que sua aquisição só ocorra “por meio de mudanças nas relações entre as pessoas, o que facilita a ação” (Coleman, 1988, p.100).

Em concordância, Putnam (2000, p. 177) define que o capital social “diz respeito à características da organização social como confiança, normas e sistemas que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”.

De acordo com Portes (1998), Bourdieu trabalha o conceito de capital social de forma instrumental, pois considera que as pessoas constroem suas relações tendo em vista os benefícios que obteriam posteriormente. Divergindo da visão individual utilitária de Bourdieu (1986), Coleman (1988) e Putnam (2000) defendem o capital social como bem público da sociedade. Percebe-se assim que o capital social é uma forma de transpor a estrutura social da ação racional, passando do nível micro para macro organizacional. No entanto, Bourdieu trata de uma relação específica que é captada do ponto de vista do indivíduo, na qual além da conversibilidade entre os capitais ser possível, o indivíduo é influenciado, mas não determinado pelas condições materiais (capital econômico), ou de conhecimento (capital intelectual).

Em relação à aplicação do conceito de capital social à redes organizacionais, autores como Granoveter (1992), Burt (1992) e Lin (2001) seguiram próximos do entendimento de Bourdieu (1986) e avaliam o capital social nas redes com foco na utilidade das redes para os seus membros.

Granoveter (1973) destaca a força dos laços entre os membros da rede. A intensidade dos laços formados cumpre funções diferentes, complementares e não excludentes. Relações próximas envolvem tempo e energia para serem mantidas, logo os atores podem saber ou não o que o outro sabe. Quanto mais ele souber, maior a intimidade entre eles. Assim, a relação mantida pela intimidade permite o compartilhamento do conhecimento. Essa relação é um exemplo de laço forte, e sua manutenção requer maior atenção. De outro lado, novidades, ideias ou informações podem ser obtidas com colegas e conhecidos, que exemplificam laços fracos.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Segundo Burt (1992), o capital social pode, por meio de redes, intermediar conexões entre atores, na direção de incluir outros (laços fracos) como fonte de crescimento do capital social. O autor ressalta também a importância da confiança e da reciprocidade para a eficiência das redes. A confiança presente nas relações entre os atores contribui para a manutenção dos vínculos sociais e o controle de comportamentos oportunistas e indesejados coletivamente. Nesse sentido, a confiança passa a ser preditora da conduta dos atores, requerendo, para tanto, a existência de normas de reciprocidade e de respeito mútuo. Daí, na visão do autor, a reciprocidade seria a norma mais relevante em termos de capital social.

Em termos de características do capital social, Nahapiet e Ghoshal (1998) as classificam em três dimensões, s

1. Dimensão estrutural: refere-se ao padrão de conexão entre os atores, incluindo as conexões e configurações da rede que descrevem o padrão de ligações em termos de mensuração como densidade, conectividade, hierarquia e adequação organizacional;
2. Dimensão relacional: refere-se aos ativos que são criados e alavancados por meio do relacionamento e incluem atributos como identificação, confiança, normas, sanções, obrigações e expectativas;
3. Dimensão cognitiva: refere-se aos recursos que representam visões compartilhadas, interpretações e sistemas de significados, por exemplo, a linguagem, códigos e narrativas.

Ao comentar a relação entre as dimensões, Nahapiet e Ghoshal (1998) propõem que nem todas as dimensões do capital social são mutuamente reforçadas, porém a dimensão estrutural do capital social influencia o desenvolvimento da dimensão relacional e cognitiva.

Koka & Prescott (2002) vão além e identificam uma quarta dimensão do capital social: a informacional, com três categorias analíticas baseadas no volume, diversidade e riqueza das informações. Quanto mais vínculos em uma organização, maior será o volume e a troca de informações, proporcionando mais oportunidades de aprendizagem, de geração de novos conhecimentos e de construção de compromissos mútuos.

Em resumo, os elementos constitutivos do capital social, bem como a forma de aquisição e distribuição do mesmo, são:

	Autor	Elementos constitutivos	Aquisição e compartilhamento
Capital Social	Bourdieu (1986)	- Relações sociais para obter recursos - Qualidade e quantidade de recursos	- Habituação à normas; lealdade, honestidade e interligação ao grupo; - Sociabilidade; “favores” - Distribuição desigual
	Coleman (1988)	- Aspectos das estruturas sociais - Ações dos atores dentro das estruturas sociais	- Por meio de mudanças nas relações entre os atores que facilitam as ações dentro das estruturas sociais
	Putnam (1990)	- Confiança, normas e sistemas	- Teoria dos jogos - Reciprocidade
	Granoveter (1992)	- Quantidade de tempo - Intensidade emocional - Intimidade (confiança mútua); - Reciprocidade	- <i>Embeddedness</i> (imbricação e/ou imersão) - Laços fortes e fracos
	Burt (1992)	- Laços fracos e fortes - Confiança e reciprocidade	- Habilidade dos atores em construir elos ou “pontes” entre atores desconectados (buracos estruturais)



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Nahapiet e Goshal (1998)	- Recursos atuais e potenciais derivados de redes de relacionamento	- Três dimensões: estrutural, relacional e cognitiva
Lin (2001)	- Posição estrutural - Acessibilidade aos recursos - Efeitos da ação	- Recursos acessados e mobilizados por meio dos laços na rede - Informação; Influência; Credencial social; Reforço

Quadro 1: Elementos constitutivos, aquisição e compartilhamento de capital social.

Para fins deste estudo, o capital social é definido como a soma dos recursos atuais e potenciais derivados de redes de relacionamento tidas por um indivíduo ou unidade social que resultam em valores e normas dos relacionamentos, permitindo a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais (MARTELETO; SILVA, 2004). É, assim, um conjunto de ativos intangíveis desenvolvido com base nas relações interpessoais mantidas na organização, que no presente artigo será estudado no contexto de formação e evolução de rede internacional de universidades.

3. A organização de redes internacionais de universidades

No atual ambiente de educação superior, Altbach e Knight (2007) destacam que os esforços para controlar as iniciativas internacionais e garantir a qualidade são essenciais. Esta situação pode ser ilustrada através da necessidade que os estudantes têm de obter uma ótima experiência acadêmica internacional, as exigências do mercado de trabalho por um determinado perfil profissional, a questão das avaliações da qualidade do ensino, os quesitos para garantir financiamento de projetos, bem como credenciamento dos programas e cursos.

Como suporte para este argumento, a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2006) declara que:

Educação superior tem se tornado mais internacional na última década passada visto que mais e mais estudantes optam por estudar no exterior, inscrever-se em programas educacionais estrangeiros e instituições no seu país de origem, ou simplesmente utilizar a internet para fazer cursos em instituições em outros países. Este crescimento é o resultado de várias diferentes forças, mas não mutuamente exclusivas: o desejo de promover entendimento mútuo; a migração de trabalhadores qualificados numa economia globalizada; o desejo das instituições de obter outras fontes de financiamento; ou a necessidade de construir uma força de trabalho mais qualificada nos países de origem, geralmente nas economias emergentes. (tradução livre).

Neste sentido, as atividades de cooperação internacional acabam por garantir à instituição de ensino superior uma boa imagem institucional e legitimidade perante a sociedade, o governo e o mercado.

O processo de internacionalização das universidades pressupõe cooperação em todas as suas formas: cooperação científica, tecnológica, acadêmica; e em seus diferentes níveis, tanto a cooperação horizontal e vertical, quanto bilateral, multilateral, entre outros, principalmente voltadas para o âmbito da cooperação institucional (STALLIVIERI, 2004).

Percebe-se assim que existe uma valorização da cooperação internacional através de instrumentos flexíveis de cooperação, como as redes e as alianças estratégicas entre



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

universidades, que amplificam os benefícios da cooperação ao incrementar as possibilidades de interação e as modalidades de colaboração (SEBASTIÁN, 2004).

Entre as atividades estratégicas e operacionais que podem ser realizadas através da participação em redes universitárias internacionais pode-se citar também: intercâmbio estudantil e docente; projetos de pesquisas desenvolvidos em conjunto; estabelecimento de campi em outros países ou oferecimento de contratos de educação à distância; oportunidades de estágios profissionais estudantis ou docentes em outros países; entre outras relações que a universidade pode estabelecer no meio internacional.

As universidades latino-americanas começaram a se organizar em redes universitárias ainda na década de 1940, com a formação da associação universitária da América Central (CSUCA) em El Salvador no ano de 1948. Em 1967, surge a Associação de Universidades e Institutos de Pesquisa do Caribe (UNICA). Essas associações foram criadas com propósitos semelhantes de integração e cooperação acadêmica internacional. Atualmente, o Instituto Internacional para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (IESALC) órgão regional da UNESCO para a discussão de políticas de educação superior, conta com um registro de 102 redes de educação superior na América Latina. Conta também com 36 conselhos e associações nacionais de reitores da região.

3. Procedimentos Metodológicos: análise da AUGM

Partindo do pressuposto que a motivação para criação ou participação em uma organização em rede nem sempre é dado por razões econômicas, mas por laços de afetividade e confiança entre membros, este trabalho assume uma concepção interpretativista, construcionista e evolucionária, com metodologia qualitativa e método de estudo de caso com entrevistas focadas (Godoi, 2006) e análise de redes sociais (Wasserman & Faust, 1994).

O objeto de estudo escolhido foi a Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM) e justifica-se, além do fator acessibilidade, por ser um caso de destaque com 29 Universidades-membros de diferentes países da América do Sul: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai.

Foi realizado o mapeamento da rede no período de 1991 (ano de sua fundação) a 2011. O exercício de mapeamento foi possível devido a coleta do seguinte material:

- Documentos secundários: documentos históricos (atas de reuniões), o livro de 15 anos da organização, sites da AUGM e das universidades membro,
- Documentos primários: entrevistas com membros da rede: reitores, delegados assessores, professores e alunos intercambistas. As entrevistas foram feitas *in loco* em cada país envolvido. Foram entrevistados: 6 reitores, um deles foi o reitor fundador da Associação; 28 delegados assessores, 29 professores e 30 alunos intercambistas.

A partir das informações coletadas das entrevistas e análise documental, foram realizados três cortes transversais (1991, 2001 e 2011) para realização de análise da evolução do capital social na rede ao longo do tempo.

A análise de redes sociais (ARS) permitiu visualizar a estrutura da AUGM como a rede como um todo, laços entre os atores, e posição (Monge & Contractor, 2001). O tratamento dos dados segue o protocolo típico desta análise, mas não pretende sustentar seus argumentos



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

em questões matemáticas. Sua utilidade é restrita como recurso visual e auxiliar na triangulação dos dados.

Ressalta-se ainda que os dados tratados via UCINET não foram coletados por meio de escala, mas pela interpretação dos documentos, que apresentam a ordem de entrada dos membros e seus papéis, cruzados com os relatos das entrevistas para contra-chechagem. Esta opção, que considera o dado secundário como mais importante, teve o objetivo de reduzir o efeito da percepção dos sujeitos que enxergam a AUGM a partir de referências históricas distintas, assim como momentos diferentes nos quais tomam conhecimento dela, o que o uso de uma escala numérica desconsideraria.

Avaliado o conteúdo das entrevistas e dos mapas da rede gerados pelo UCINET, o capital social foi analisado em suas dimensões estrutural, relacional, cognitiva e informacional (Nahapiet & Ghoshal, 1998, Koka & Prescottt, 2002), de acordo as diretrizes apresentadas no Quadro 2.

Dimensão	Estrutural	Relacional	Cognitiva	Informacional
Conceito	Padrão de conexão entre os atores e inclui conexões e configurações da rede	Ativos que são criados e alavancados por meio do relacionamento	Recursos que representam visões compartilhadas	Volume, diversidade e riqueza das informações
Indicadores	Densidade, Centralidade	Identificação, confiança, normas, obrigações, sanções, expectativas	Linguagem, códigos e narrativas	Quantidade e qualidade dos canais de comunicação; emissor e receptor.

Quadro 2: Análise das dimensões do capital social.

4. Apresentação e Análise dos Dados da AUGM

Em 1991, foi assinado o Tratado de Assunção entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, que deu origem ao Mercado Comum do Sul (Mercosul). Com pressuposto de integração e desenvolvimento regional, oito reitores de universidades públicas do Mercosul iniciaram um processo político-acadêmico até então inédito na vida universitária da região: a criação da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM), seguindo o espírito de integração regional anunciado pelo Mercosul. Mesmo diante do moroso e ainda não resolvido mercado comum, o projeto AUGM vingou e ganhou autonomia a despeito do fraco sucesso de integração econômica.

Na fundação da AUGM, reuniram-se em Montevideu (Uruguai), Reitores de oito universidades de quatro países distintos, sendo que a grande maioria (cinco) eram da Argentina e os outros do Brasil, Paraguai e do próprio Uruguai. Observa-se assim o primeiro impacto do capital social interpessoal, visto que cada Reitor se fez presente neste encontro por convite de algum outro Reitor conhecido. O mapa da rede em 1991 pode ser visualizado na Figura 1.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

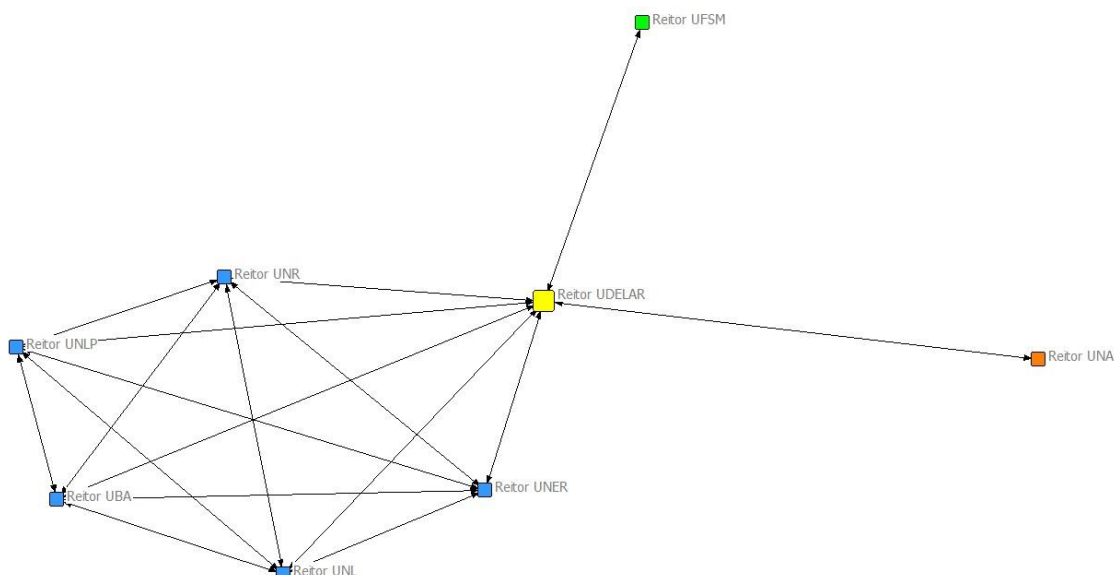


Figura 1: Mapa da rede AUGM em 1991.

Fonte: elaborado a partir dos dados da pesquisa

Segundo um dos Reitores fundadores o motivo da reunião ter ocorrido em Montevideu (Uruguai) foi “porque basta o Reitor da Universidad de la República (UDELAR) atravessar a rua que está no Palácio do Governo ou na sede da UNESCO”. Neste ponto, compreende-se o papel de estrela exercido pelo Reitor da UDELAR na rede. Ele é o ator que controla o fluxo de comunicação por ser a ligação entre uma parte e outra da rede. Percebe-se, nesta fase inicial, que a dimensão estrutural do capital social da AUGM depende da articulação de um dos atores, que é central.

Ainda sobre estrutura, a densidade é de 60,07%, significando o número de laços em relação ao total de conexões possíveis e a rede está 62,96% centralizada, devido ao peso do Reitor da UDELAR.

Quanto à dimensão relacional do capital social, como a frequência dos encontros não estava estabelecida no momento da formação, esta não foi regular nos anos iniciais. A rede era instável, com comunicações bidirecionais, com fluxo informacional pouco ágil, por não haver conexão entre todos os membros da rede, o que reitera a importância da sede como ator central.

Para conferir personalidade ao grupo fundador, fez-se a ata de fundação, caracterizando a primeira norma e o primeiro passo do capital social interpessoal na direção do capital social organizacional, sem, contudo, representar que uma organização já estava existindo. Essa foi a nota mais significativa desta dimensão no período próximo a 1991.

Quanto à dimensão que envolve a cognição, destacou-se que o desejo compartilhado de integração e fortalecimento da educação na América do Sul, foi o que permitiu a superação da barreira linguística do português para o espanhol. Infere-se aqui que o mais relevante é o caráter público do ensino, valor presente na fundação e que não se alterou ao longo do tempo. Mesmo diante das trocas de presidência, do crescimento de número de membros e das



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

vantagens que universidades privadas podem trazer, para bem ou para mal, a AUGM não alterou sua posição de ser instrumento para fortalecer exclusivamente o ensino público.

A dimensão informacional do capital social na fundação da AUGM é muito limitada pela distância geográfica, conjugada com a falta de disponibilidade de tecnologias de informação como a *internet*, fazendo com que as comunicações ocorressem por meio de carta ou telefone, demandando tempo e dificuldade para agendamento, implicando em pouco volume, diversidade e riqueza.

Entre 1991 a 2001, a formalização da AUGM foi intensa, com a criação de uma sede executiva para o controle de novas atividades e programas, como: o encontro dos comitês acadêmicos e núcleos disciplinares para trabalho em conjunto entre professores e alunos das universidades membro; e o programa ESCALA de mobilidade acadêmica que começou em 2000.

Com estes projetos em andamento, o estatuto da organização sofreu mudanças: o Secretário Executivo já não necessita ser o Reitor de uma das universidades membro, permanecendo no cargo o ex-Reitor da UDELAR. Por outro lado, os novos membros deveriam ser convidados após decisão em reunião do Conselho de Reitores. Desta forma, aos poucos amenizou-se as influências pessoais dos fundadores, que já não estavam mais no cargo de Reitor, e na sua maioria nem presentes nas universidades-membros.

Sabe-se que na formação de uma rede, capital social interpessoal estará constantemente presente. Nota-se na história da AUGM a sua função de catalizadora de relações e incrementadora do conhecimento para os membros, na medida em que proporciona laços fracos e permite novos laços fortes. A AUGM ganha seu *status* organizacional por sobreviver à transição da base de sustentação, localizada na vontade pessoal dos fundadores, institucionalizando-se.

O mapa da rede em 2001 pode ser observado na Figura 2.

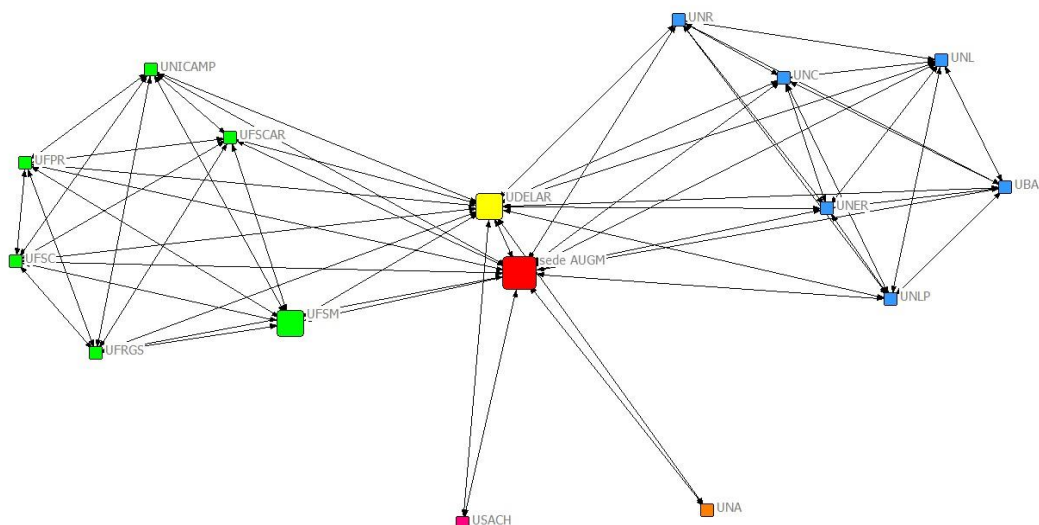


Figura 2: Mapa da rede AUGM em 2001.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

Na dimensão estrutural do capital social, observa-se que com o aumento do número de membros, houve dispersão dos laços na rede, com a densidade de 49,17%, com redução da centralidade, 54,01%, devido a presença da Sede da AUGM.

A centralidade e o papel dos atores sofre mudança, ao lado do Reitoria da UDELAR, a sede da AUGM também obtém destaque. Estes dois têm a maior capacidade de acessar, direta ou indiretamente, os outros atores da rede. Notam-se dois nós isolados, que são os casos da UNA e USACH, estas são as únicas universidades membros de seus países, Paraguai e Chile. Isso explica sua posição periférica, mas não diminui sua importância como membro e como parte da proposta de integração que marca a AUGM.

Em entrevista na secretaria executiva da AUGM, revelou-se outra faceta da rede: a equiparação do número de universidades membro da Argentina e do Brasil. O número de membros dos dois países deve ser igual para que, sendo ambos grandes e de maior influência na América do Sul, haja equilíbrio de poder de voto na organização. Neste ponto, além da dimensão estrutural do capital social, deve-se considerar a dimensão relacional, que envolve o poder, cuja relevância, não sequer abordada na fundação em 1991.

Há um aumento na frequência e estabilidade dos laços em função da programação de atividades; algumas organizações foram formalizando sua participação na AUGM, como o caso a UFSM ao realizar a I Jornada de Jovens Pesquisadores, em 1993.

A transição do capital social interpessoal para o organizacional é notada também nas fontes secundárias. Por exemplo, o discurso do ex-reitor da UFSM (de 1994 a 1997) no livro comemorativo de quinze anos da AUGM:

[...] a primeira impressão foi de um **clube de amigos**. Tal a harmonia e companheirismo que encontrei entre os Reitores das Universidades que compunham a AUGM quando a eles me juntei em 1994, como Reitor recém empossado da UFSM. A convivência me mostrou que além da amizade havia intenção **proposta e institucionalizada no grupo**. Os valores da excelência científica, da integração latino-americana e a consciência da educação como bem maior da cidadania, sempre pontificariam nas ações da AUGM. O papel desempenhado pela AUGM no fortalecimento dos laços de integração entre as nações do Cone Sul tem sido **marcante ao longo da última década**. Como toda a boa causa, o êxito da AUGM se deve sem dúvida ao engajamento da comunidade acadêmica das instituições parceiras (AUGM, 2006, p. 89, grifos nossos).

As dimensões cognitiva e informacional, com a acessibilidade permitida pelos computadores e novas tecnologias de comunicação, resultaram em aprimoramento nos canais de comunicação, o que aumentou a diversidade, riqueza e volume de informações trocadas entre os membros. Além disso, é digno de nota que os recursos do computador e de tecnologia foram fatores estruturantes da AUGM e também impactaram na formação de laços, principalmente os fracos, entre os membros, sem necessitar a intermediação da Associação.

Entre 2009 e 2010 ocorreram mudanças no estatuto e na estrutura da organização: o cargo de Presidente de AUGM é assumido pelo Reitor de uma universidade membro durante um ano e tem a função de representatividade da organização, foram convidadas mais dez universidades para se tornarem membros, perfazendo um total de 2, no final desta pesquisa, conforme ilustra a Figura 3.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

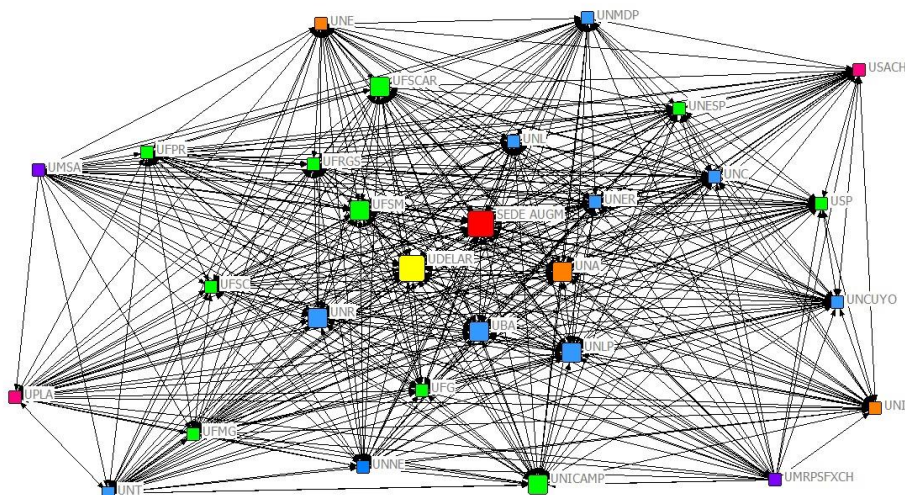


Figura 3: Mapa da rede AUGM em 2011.

Quanto à dimensão estrutural do capital social, após vinte anos nota-se que a rede tornou-se mais densa (92,26%) e com menor centralidade (29,28%). Isso é resultado do envolvimento de outros membros nas atividades da associação. Ao assumirem papéis relevantes na condução das propostas da Associação, diminui o papel de porteiro como ocorria antes com a UDELAR e a sede da AUGM. Destaca-se as instituições UNA, UNR, UFSM e UFSC. O crescimento da rede foi limitado, resultante da seleção criteriosa a novos membros.

O que se infere, do conjunto de fontes, é que a sede da AUGM exerceu um papel de mediadora de conflitos e representante da rede. Sua função hoje difere da sua ação como catalizadora de membros, marcante em 1991 e 2001. A sede se coloca menos na posição de gestora única dos programas e atividades, e mais como co-gestora. Dentro desses limites mantidos na Figura 3, é oportuna a referência ao depoimento da coordenadora de Programas e Projetos da AUGM sobre o funcionamento da Secretaria Executiva da sede:

[...] a AUGM tem uma Secretaria Executiva, que tem uma área técnica, que faz os programas serem desenvolvidos e se apoia em comissões que trabalham os temas. Assim, a AUGM planeja toda a arquitetura do programa e dá segmento para o programa ser operacionalizado pelas e nas universidades. São as universidades que convocam e recebem estudantes e docentes. Em geral, quando surge uma ideia para gerar um programa (como o Programa de Mobilidade para estudantes de pós-graduação), se forma uma comissão composta por um delegado de cada universidade. Essa é uma clássica forma de funcionamento da AUGM, que é através de comissões, grupos de trabalho, que são pessoas representantes de universidades que se reúnem para trocar ideias e sugestões para construir algo como uma política, um programa e para avaliar.

Em outros termos, ao se tornar mais densa, a dimensão estrutural da AUGM apresentou o fluxo de informações crescente entre os atores como a forma de uma curva de incrementos marginais decrescentes. Apesar da existência de uma sede para a associação, os membros se comunicam entre si paralelamente, diminuindo a centralização estrutural do capital social. O



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

que gera uma diferenciação entre a capacidade da rede, em termos de trocas e diversidade de trocas, e a sua gestão. Dessa forma, coexistem uma rede de organizações (as universidades), e sua organização em rede em forma de AUGM.

Ainda, a conectividade não é somente suposta logicamente, ou exclusivamente baseada em testemunho, mas evidenciada nas atividades existentes na AUGM que obrigam o relacionamento entre os membros da rede, como é o caso do Programa ESCALA de Mobilidade, segundo o qual as universidades membros abrem vagas em seus cursos de interesse para intercâmbio, oferecem aos demais participantes e recebem alunos do mesmo curso de outras universidades: “Eu vim estudar na **UFPR** porque eu me candidatei na coordenação do meu curso lá na **USACH**. Eles receberam um aluno da UFPR no meu lugar” (aluno intercambista; grifo nosso para evidenciar a perda do caráter pessoal percebida na análise de 2011).

Em relação à dimensão relacional, os entrevistados parecem concordar que tanto a confiança quanto as normas aumentaram com o passar do tempo, sem indicação de que a confiança venha a reduzir a normatização, ambas foram relevantes tratando-se de membros como universidades públicas (ser público é explicativo da necessidade normas detalhadas). Mesmo assim pode-se afirmar que a confiança importa mais que a norma, porque a entrada na rede depende de convite pelas universidades-membro e, secundariamente, pelo cumprimento dos requisitos. Isto é confirmado pelo depoimento de um dos funcionários da AUGM sobre a entrada da Universidade Federal de Goiás (UFG) na AUGM:

Na minha opinião, creio que com isso perdemos o que é melhor para a AUGM. Por exemplo, a Universidade de Goiás entrou para a AUGM concorrendo com a UFRJ. Para a AUGM, seria prioritário que a UFRJ fosse membro, mas entrou a de Goiás por eleição dos reitores brasileiros membros da AUGM, que respondem a outras situações e conjunturas [...] como nesse momento o Reitor de Goiás era presidente da ANDIFES, respondeu a outra necessidade, mas não era a necessidade da AUGM.

Relembrando a integração de novos membros, a coordenadora de programas e projetos da AUGM, comenta que no ano de 2008 uma universidade boliviana não terminou o processo de integração: “se afiliou, mas não participou”. Em dezembro de 2010, ingressaram duas universidades bolivianas novas e que estão participando, reiterando uma impressão tida durante a pesquisa, de que a rede estava se estabilizando com relação ao número de membros, os 29 atuais, comportando variação de intensidade, participam efetivamente em ações da AUGM todos os anos.

Dois atores que em 2001 são periféricos no mapa da Figura 2, continuam presentes em 2011: membros da Bolívia e do Paraguai. Em termos matemáticos seria de pouca relevância, mas dado ao caráter interpretacionista deste artigo, a permanência de representantes desses países desde a fundação da Associação indica sucesso na sua proposta de integração, que junto com a presença do Chile, somam membros bastante estáveis, não permitindo dizer que a AUGM se restringiu ao âmbito Brasil e Argentina. A ideia de integração tem seu escopo aumentado, conforme se infere no trecho seguinte, da entrevista da Coordenadora de Programas e Projetos da AUGM:



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

[...] algunas mais pequenas, outras de lugares menos urbanos ou mais longe das cidades mais importantes dos países. O nosso grande desafio nos últimos tempos tem sido integrar as universidades de Bolívia, que são universidades novas para nós, que tem uma realidade distinta em relação às da região do Rio de La Plata.

Quanto à dimensão informacional, além do que já foi constatado em 2001, com o impacto do uso de computadores e de tecnologias de informação e *internet*, que continuaram presentes e com uso mais intensificado, a principal novidade acrescentada foi a *intranet*, por meio da qual, a AUGM transmite a informação de uma universidade a outra e cada representante transmite dentro de sua universidade. Encontra-se em estudo uma metodologia de trabalho na *intranet* para atender aos núcleos e comitês acadêmicos, com dois objetivos: divulgar pesquisas e trabalhos, ou seja, criar uma biblioteca pública digital e *online*; e melhorar a conexão entre os membros e consolidar uma rede de intercambistas.

Esta dimensão informacional tem implicações cognitivas, inicialmente o problema era a barreira lingüística, o avanço dessa dimensão amenizou muito esta limitação, por exigir menos a fluência verbal nos idiomas, com acesso menos difícil pela linguagem escrita e também mais estruturada em função dos interesses dos membros e indivíduos que recorrem à AUGM. A compreensão envolve no estágio final da pesquisa o nível da própria rede, da troca de conhecimentos entre os membros, de uso compartilhado de recursos para pesquisa, do trânsito físico que contempla o ensino (intercambistas) e, já acenando para o futuro, a biblioteca digital como acervo do conhecimento.

5. Conclusão e considerações finais

O presente trabalho preocupou-se em analisar de que forma o capital social contribuiu ao longo do tempo na formação e evolução de uma rede internacional de instituições sul-americanas, a Associação de Universidades do Grupo de Montevideo (AUGM).

Observou-se que o capital social interpessoal é inicialmente a base de sustentação, em 2001 continua sendo relevante, e nitidamente perde importância em 2011, em favor do capital social organizacional. Esse movimento de transição implica o surgimento de uma organização a partir de capital social interpessoal, não se podendo afirmar que todo capital social interpessoal seja capaz de produzir uma organização. Em relação a análise estrutural, nota-se uma centralização no período da fundação, o que diminuiu em 2001, e é menor em 2011, com a participação mais ativa de universidades membros, principalmente como proponentes de ações e gerenciadoras de atividades. O papel da sede executiva da AUGM de catalizadora e fomentadora de laços é forte em 1991 e 2001, mudando para mediadora e cogestora em 2011.

A análise relacional demonstra que a reciprocidade esteve presente ao longo do período analisado, mas é possível se destacar em um primeiro momento as relações que envolvem diretamente os fundadores da AUGM.

Notamos que a dimensão cognitiva não sofreu alterações quanto aos seus pressupostos de fundação em 1991, a integração, o fortalecimento e o esforço para proporcionar o surgimento de novos laços entre universidades exclusivamente públicas. O que se observou foi maior detalhamento dos níveis, inicialmente uma proposta ampla, para a especificação de preocupações temáticas, como convênios, ações conjuntas, integração de pesquisas,



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

intercâmbio, disponibilidade de acervo, que envolvem o trinômio conhecimento-pesquisa-ensino, com preocupação mais operacional.

O aspecto informacional é claramente explicado pela disponibilidade e uso de tecnologias de informação e *internet*, ausentes em 1991, presentes em 2001 e com novidades em 2011, como a *intranet* e acervo digital;

Por fim, percebe-se assim que, em razão de um conjunto de ativos intangíveis, desenvolvido com base nas relações interpessoais mantidas na rede organizacional, a rede AUGM foi institucionalizada tanto nas universidades membro como no ambiente internacional, possuindo assim um capital social coletivo.

Como proposta para pesquisas futuras, sugere-se o aprofundamento desta questão de níveis do capital social, pois o mesmo é teorizado sob distintos aspectos, seja como bem interpessoal ou coletivo, mas ele permeia as organizações de ambas as formas, pois não é passível de se afirmar se é a rede que cria um capital social ou se é o capital social que cria a rede. Isso porque um influencia o outro, mas tampouco um se restringe ao outro. O capital social não se restringe a rede, mas sem a rede, o capital social coletivo não seria criado.

Outra sugestão de pesquisa futura surge de uma reflexão após uma das entrevistas realizadas e que está ligada as dimensões estrutural, relacional e cognitiva do capital social para estudar de que forma e até que ponto as características culturais distintas em função da distância geográfica influenciam no desenvolvimento da rede organizacional.

Referências Bibliográficas

ALTBACH, P.G.; KNIGHT, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, p. 290-305, 2007.

ASOCIACION DE UNIVERSIDADES GRUPO MONTEVIDEO (AUGM). 15 años de historia. Disponível em: <www.augm.edu.uy>. Acesso em: 10 Nov 2011.

BORGATTI, S.P., EVERETT, M.G., & FREEMAN, L.C. (2002). **UCINET for Windows: Software for Social Network Analysis**. Boston: Harvard Analytic Technologies. Disponível em: <http://www.analytictech.com/ucinet/ucinet.htm>. Acesso em: 10 Nov 2011.

BOURDIEU, P. (1986). The forms of capital. In Richardson, J.G. (ed.) **Handbook of theory and research for the sociology of education** (pp.241-258). New York: Greenwood Press.

Burt, R.S. (1992). *Structural Holes: the social structures of competition*. Harvard University Press.

BURT, R.S. **Structural Holes: the social structures of competition**. Harvard University Press, 1992.

COLEMAN, J. S. (1988). Social Capital in the Creation of Human Capital. **American Journal of Sociology**, 94, S95-S120.

DIDRIKSSON, A. (2006). La autonomía universitária desde su contemporaneidad. **Universidades**, 31, 3- 16.



XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad

GODOI, C.K. et al. (2006). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**. São Paulo: Saraiva.

GRANOVETTER, M. (1992). Problems of explanation in economic sociology. In.: Nohria, N. ; Eccles, R. (eds). **Networks and Organizations: Structure, Form and Action**. Boston, Mass: Harvard Business School Press.

IESALC - Instituto Internacional para la Educación Superior en América Latina y el Caribe. Disponível em <<http://www.iesalc.unesco.org.ve>>. Acesso em: 14 dez 2010

KOKA, B.R. & PRESCOTT, J. (2002). Strategic alliances as social capital: A multidimensional view. **Strategic Management Journal**, 23, 795-816.

LIN, N. (2001). **Social Capital: A Theory of Social Structure and Action**. Cambridge: Cambridge University Press.

MARTELETO, R.M.; SILVA, A.B.O. **Redes e Capital Social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local**. Brasília, v.33, n.3, p.41-49, 2004.

NAHAPIET, J. & GHOSHAL, S. (1998). Social Capital, intellectual capital and the organizational advantage. *Academy of Management Review*, 23(2), 242-266.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONOMICO (OCDE). Disponível em <www.oecd.org>. Acesso em: 14 out 2010.

PORTES, A. (1988). Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. **Annual Review of Sociology**, 24.

PUTNAM, R. D. (2000). **Bowling alone: the collapse and revival of American community**. New York: Simon & Schuster.

SEBASTIÁN, J. (2004). **Cooperação e Internacionalização das Universidades**. Argentina: Editorial Biblos.

STALLIVIERI, L. **Estratégias de Internacionalização das Universidades brasileiras**. Caxias do Sul: Educus, 2004.

WASSERMAN, S. & FAUST, K. (1994). **Social Network Analysis: Methods and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press.